

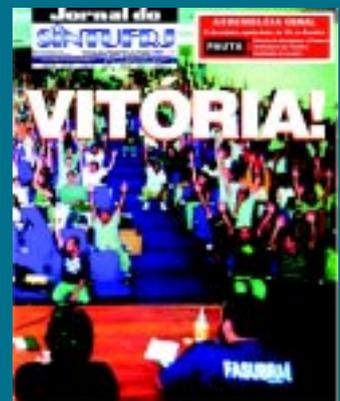
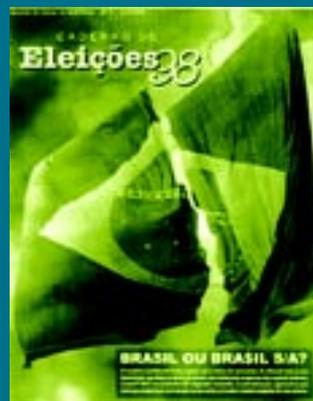
Jornal do SINTUFRJ

500ª EDIÇÃO

<http://www.sintufrj.org.br>
[e-mail: sintufrj@sintufrj.org.br](mailto:sintufrj@sintufrj.org.br)

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 1985 A DEZEMBRO DE 2001 - ANO XVI - Nº 500



MEMÓRIA

setembro

FARRAPOS
- 1835/1845

No dia 20, a oposição liberal da Província de São Pedro declara guerra ao Império. A revolta, liderada pelos produtores locais, ganha o apoio popular e, por dez anos, sustenta a República Rio-Grandense como país independente.



CONGRESSO NEGRO
- 1950

Realiza-se, no Rio de Janeiro, o I Congresso Negro Brasileiro. Cresciam as denúncias e a luta dos negros contra o racismo. Em julho do ano seguinte é aprovada a Lei Afonso Arinos, que condena a discriminação de raça, cor e religião.

I CONCLAT
- 1981

A Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, realizada em Praia Grande, SP, deu início à reorganização nacional dos trabalhadores. Participaram 5.080 delegados.



MARCHA DOS 100 MIL
- 1999

Em protesto contra a política recessiva de FHC, uma enorme marcha ocupa Brasília no dia 7.

Com a palavra, os dirigentes

Nesses 16 anos vários companheiros passaram pela diretoria da entidade. Comemorando a 500ª edição, colhemos algumas opiniões daqueles que nestas duas décadas e meia, à sua maneira, contribuíram para a construção deste jornal.

"500 edições é um êxito. É raro na imprensa sindical, no movimento sindical, ter um jornal com tanto tempo e regularidade. Ele é uma construção coletiva dos funcionários do sindicato. Mais fundamental é que ele tem sido um instrumento de defesa da universidade e da democracia interna. Fico muito feliz de saber que duas coisas construídas na minha gestão permanecem: o jornal e o Pré-Vestibular".

João Eduardo Nascimento, presidente da ASUFRJ de 1985 a 1987

"Profissionalizamos não só a comunicação na então ASUFRJ como a assessoria jurídica diante da necessidade da categoria de orientação jurídica quanto de informação. Até então vinha-se encaminhando de forma amadora através de informes feitos pela direção. Saímos do direcionamento de gestões para a informação diante das necessidades da categoria".

Ronaldo Lobão, presidente da ASUFRJ de 1990 a 1992

"O nº 500 representa um acervo histórico importantíssimo para a categoria. Lembro de outros como o Carlos Rodrigues e Fernando Pereira que nem mais aqui estão. A participação de todos é marcante. Me sinto orgulhoso de fazer parte desta história, que iniciamos com todas as dificuldades. Esse jornal prova um crescimento da categoria e é

um exemplo para o movimento sindical, ainda mais".

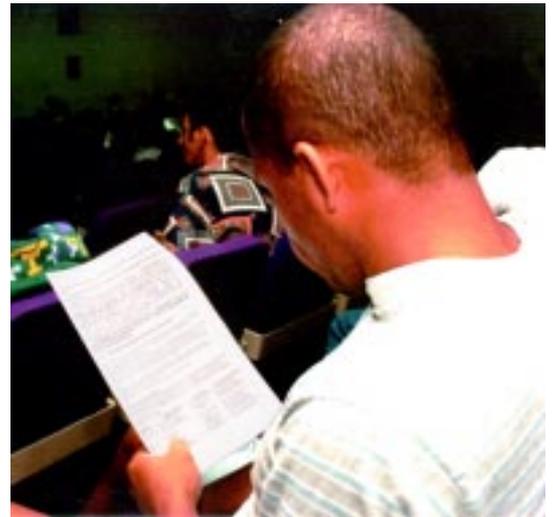
Orlando Simões, diretor de Divulgação e Imprensa de 1990 a 1991

"O jornal precisa atender mais a categoria. Não pode ser um jornal de direção, por isso precisa ter um conselho editorial mais amplo, com participação dos representantes do conselho sindical de base. 500 edições em 16 anos é extremamente importante, porém falta participação da categoria na troca de informação".

Izaías Gonçalves Bastos, diretor da ASUFRJ de 1987 a 1989 e de 1990 a 1992

"O jornal do SINTUFRJ trabalha com a informação dentro da visão dos trabalhadores da UFRJ. Uma visão mais crítica. Esse é o mérito. Discute principalmente sobre a instituição que a gente vive e trabalha. Por isso, é um veículo dentre tantos outros especializado e importante na discussão do processo de democratização do Ensino, da UFRJ e do país dentro do processo de organização dos trabalhadores em educação. O jornal vem imprimindo esse meio de imprensa especializada mas não corporativa".

Fortunato Mauro, coordenador de Comunicação de 1995 a 1997



"O maior mérito do jornal é a sua regularidade. A UFRJ é um veículo de comunicação e referência. Mas o jornal quer cumprir o objetivo para quem? A grande massa da categoria quer ver no jornal mais informação da sua vida cotidiana. Isso o jornal não tem conseguido cumprir. O FGT5 é um exemplo. Não é uma questão meramente jurídica, é política.

Marcelo Lourenço de Araújo, último presidente da ASUFRJ e primeiro coordenador-geral do SINTUFRJ

"Sou suspeito para falar, pois tenho um carinho especial pelo jornal. É uma vitória da categoria, da universidade e do próprio movimento sindical o jornal ter alcançado a edição 500. É um patrimônio da categoria que conquistou credibilidade tanto interna quanto externamente. Tanto o é que o SINTUFRJ é referência para toda a grande imprensa".

Roberto Gambini, coordenador geral de 1996 a 1999

"O jornal do SINTUFRJ deve servir à informação, expressão da opinião e formação cultural, política e sindical dos servidores da UFRJ. Deve oferecer assuntos variados e promover o debate plural e democrático dos assuntos de maior interesse de nossa categoria. Nos últimos quatro anos o jornal passou por algumas importantes transformações, com mudanças no seu projeto gráfico e editorial. No entanto, para que ele possa se aperfeiçoar, é fundamental avaliá-lo frequentemente, através de pesquisas de opinião com os associados do sindicato. Outra medida importante: fazer funcionar o Conselho

Editorial do Jornal, com uma participação que não se restrinja aos membros da direção do sindicato".

Lúcia Reis, coordenadora de Comunicação de 1996 a 1999

"O jornal é um meio de integração do Sindicato com a categoria, por isso é importante ele estar voltado para a categoria. Mas estamos esquecendo o trabalho direto na base. Eu fiz parte de duas gestões e me incluo nisso".

Marlene Ortiz, coordenadora de Administração e Finanças de 1996 a 1999 e 1999 a 2001

"Participei do jornal em duas gestões. Estou vendo agora como funcionário da categoria. Já tinha uma visão como diretor e agora vejo concretamente que o jornal é o próprio Sindicato! A categoria sente o sindicato próximo. A primeira pergunta na segunda-feira é se o jornal já chegou. Ele consegue informar as necessidades cotidianas como passar esperança e força nas horas de luta. O jornal está nos corredores e nas unidades. É o principal veículo de comunicação da universidade. A Reitoria até que tentou fazer frente, mas não conseguiu. O que mostra que o jornal está consolidado mesmo com os ataques do governo e dos dirigentes da universidade contra o sindicato. Viemos resistindo esses anos todos à intervenção da universidade e dificilmente sem o jornal conseguiríamos manter a unidade na possibilidade de superar essa conjuntura difícil de mais de 7 anos. Esse instrumento precioso conquistou credibilidade e é uma referência como um todo".

Lenin Pires, coordenador-geral de 1996 a 1999 e de 1999 a 2001.

MEMÓRIA

novembro

REVOLTA DA CHIBATA - 1904

“Salve, o Navegante Negro que tem por monumento as pedras pisadas do cais”. A letra de *O Mestre-Sala dos Mares*, de Aldir Blanc e João Bosco homenageia João Cândido, líder da revolta contra os castigos corporais aplicados aos marinheiros negros. Três encorajados se rebelaram, na Baía de Guanabara e ameaçaram atirar contra a cidade. Se entregaram, após acordo assinado pelo presidente da República que, como hoje, não cumpriu sua parte e puniu com morte e prisão todos os líderes.

MEMÓRIA

dezembro

BALAIADA - 1838

Começou, no Maranhão, no dia 13, a revolta dos Balaios. Teve, entre seus líderes, Manoel Francisco dos Anjos, vendedor de cestos de palha, e Preto Cosme, líder de um quilombo. O movimento espalhou-se até o Ceará e Piauí, e tomou a Província de Caxias. Em 1840 o coronel Luís Alves de Lima foi designado para reprimir o movimento, derrotando-o em 1841. O Duque de Caxias virou herói nacional, na história oficial.

FASUBRA - 1978

No dia 19 foi fundada a Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras. Em 1984, ano em que os técnicos-administrativos fizeram sua maior greve nacional, o movimento cutista assumiu a direção da Federação.

CHICO MENDES - 1988

O líder dos seringueiros do Acre é assassinado no dia 20, dois anos depois de ter sido premiado pela ONU por sua luta ecológica.

Agora são outros 500

Vamos fechar o ano de 2001 com muito para comemorar. Técnicos-administrativos e docentes conseguiram dobrar o governo FHC. Arrancamos conquistas importantes que são o anúncio de um novo período para o movimento.

Depois de anos de muita resistência, entramos 2002 com a auto-estima revigorada e muita confiança na força da nossa organização e luta. Aqui na UFRJ, também é tempo de mudança. Depois de quatro anos de Vilhena, toda a comunidade entendeu que é preciso união para garantir a democracia nas próximas eleições. Nossa luta será para ampliar a democracia.

Para os próximos 500, nos preparamos para começar a construir outra realidade. Para batalhar por uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Uma universidade que, como nosso movimento, seja um tijolo para uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso, vamos lutar para ocupar cada vez mais espaços na sociedade e na UFRJ. Vamos fortalecer a luta dos trabalhadores.

Ninguém mais pode ignorar a falência do projeto neoliberal. No mundo, o neoliberalismo aumentou o desemprego, a miséria e a violência, e agora, com a guerra no Afeganistão, atola no lixo que produziu. Destruiu países como Coreia e

México e agora a Argentina. E ameaça levar também o Brasil para o buraco, com a ajuda de FHC.

Mas nos próximos 500 tudo indica que vamos mudar o curso das coisas. A vitória dos trabalhadores em Educação, no Brasil, é um grão de areia, apenas mais um, no grande movimento contra a globalização capitalista, que ganha força em todo o mundo. Em janeiro seremos cerca de 70 mil, no Fórum Social Mundial, planejando uma sociedade diferente, onde a prioridade seja o ser humano e não o dinheiro.

Enfim, o que acreditamos e esperamos é que os próximos 500 jornais tenham menos golpes do governo e mais vitórias dos trabalhadores para noticiar. Mais para comemorar do que para denunciar ou protestar. Que os 26%, os 28% e todos os direitos que nos foram roubados ao longo de sete anos de FHC e quatro de Vilhena deixem de vez as páginas dos jornais para repousar nos contracheques. E que nossas lutas não sejam mais para nos defender da degradação de nossa realidade, mas para tornar real nossos sonhos de uma sociedade mais justa e igualitária.

Coordenação Geral

Aginaldo Fernandes, Ana Maria Ribeiro, Neuza Luzia

Sem opressão

A Coordenação de Políticas Sociais trabalha em conjunto com várias organizações da sociedade civil que lutam pelo fim das desigualdades sociais. O objetivo é criar e desenvolver ações concretas para mudar as condições de vida e trabalho.

O Grupo de Trabalho de Políticas Sociais Anti-Racismo, criado há 5 anos, é um espaço democrático de discussão, formação e elaboração de propostas para enfrentar o racismo no Brasil e suas conseqüências para os trabalhadores e trabalhadoras da UFRJ. A quase total ausência de negros e negras em postos de chefia, ou qualquer outro cargo com poder decisório, bem como na composição do corpo discente e docente, por exemplo, é uma conseqüência desse racismo.

Não só a discussão, como também a força da mobilização, são fatores primordiais para elaboração e implementação de propostas de reparação para essa expressiva parcela da sociedade. Só a mobilização e a participação podem impedir que o poder institucional se aproprie das bandeiras que são nossas e as apresentem em projetos que não refletem as reais necessidades do povo negro.

Lutar contra o racismo é lutar contra todas as formas de opressão e pela eliminação das desigualdades étnicas, raciais e de gênero, que têm constituído as bases do sistema capitalista.



MEMÓRIA

janeiro

REVOLTA DOS MALÊS - 1835

Uma das mais importantes insurreições de escravos no Brasil. Liderado pelos muçulmanos, o movimento, que envolveu mais de mil negros, foi delatado e acabou derrotado, depois de quase dois dias de combate. Dezenas morreram e 281 foram presos.



REVOLTAS DOS QUEBRA-QUILOS - 1874

Em 78 localidades, os nordestinos, revoltados com a constante cobrança de impostos que atingiam principalmente os pobres, não aceitaram as novas medidas do Sistema Métrico Decimal (1873) que substituíram a braça, arroba, légua etc. Se rebelaram invadindo Câmaras e destruindo medidas e editais oficiais.



FUNDAÇÃO DO MST - 1984

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um marco na luta popular. Seu lema, "Ocupar, resistir, produzir", e sua trajetória são um exemplo para todos aqueles que buscam um país mais justo.

EDITORIAL

Chegamos aos 500!

A história de luta desta categoria em defesa da Universidade Pública e Gratuita tem marcado a história da UFRJ. Não se pode pensar na UFRJ sem lembrar das históricas lutas pelos direitos dos trabalhadores, que mantêm esta Universidade Pública. Sem pensar na batalha cotidiana que se trava pela autonomia e democracia, sem pensar na força que esta categoria organizada tem colocado em seus protestos e manifestações.

O Jornal do SINTUFRJ tem acompanhado e cumprido um papel importante na organização desta luta. A existência do nosso jornal na disputa da informação com a grande imprensa é uma vitória e um orgulho para esta categoria.

A luta por manter acesa a chama de que é possível construir um mundo diferente, onde os trabalhadores não tenham que viver ameaçados constantemente pelos desmandos deste sistema, é a batalha incansável que este jornal tem encarado, e que a nosso ver tem conseguido muitas vitórias, embora saibamos que esta é uma batalha cotidiana. E queremos este desafio!

O governo FHC apagou as luzes do país, porém os servidores públicos mostraram a luz no fim do túnel. Só com luta é possível obter vitórias e manter nossa dignidade. O Jornal do SINTUFRJ tem acompanhado diariamente esta luta, e nossa equipe quer comprar o desafio de continuar cumprindo este papel tão importante de tratar a informação como arma poderosa contra a exploração.

Parabéns a esta categoria que com sua luta constrói um jornal tão importante e valioso para a luta dos trabalhadores.

Coordenação de
Comunicação Sindical
Simone Silva
Cláudio Luís Ribeiro
Antonio Gutemberg

Trabalho e paixão

A história de nosso jornal é a nossa história. É o sindicato através de todos os seus anos. Uma construção coletiva que atravessou décadas reunindo a combatividade de seus dirigentes e da categoria, amparada pela equipe de profissionais que sustentam a máquina poderosa hoje chamada SINTUFRJ.

Um filósofo já dizia que nada de grande no mundo é feito sem paixão. Um historiador também disse que é pela memória que se puxam os fios da história. É esta memória, onde se articula o presente e o passado aqui registrados nestas 12 páginas da edição 500, que nos orgulhamos de apresentar à sociedade como resultado de várias paixões.



Esta entidade foi fundada em 1960, em plena efervescência planetária. Até 1982 suas atividades se limitavam à promoção de convênios e atividades sociais. O primeiro informativo que se registra é de 1982. Na década de 1980, marcada pela crise do modelo de desenvolvimento econômico da ditadura, com aumento da recessão, os movimentos populares crescem. Neste belo rastro, em dezembro de 1985, é publicado o primeiro Jornal da ASUFRJ, feito heroicamente pela direção. Tí-nhamos cerca de seis mil associados. Em 1990 os departamentos jurídico e de comunicação são criados. O jornal passou a ser produzido profissionalmente pela primeira editora da entidade, Regina Rocha. Da máquina de escrever passou-se aos computadores. Em 1992 é contratada a segunda jornalista da entidade, Eliane Amaral. Em 1992, somos brindados pela irreverência do editor Carlos Nepomuceno (Nepô), que lançou o desafio do jornal semanal.

Em 1993, a associação se transforma no SINTUFRJ. Em 1994 Nepô foi alçar outros vãos e Ana Lúcia Vaz assumiu a edição. Passamos pela experiência do jornal *standard* que durou um ano e meio.

Depois, retornou ao formato tabloide, já com novo padrão gráfico. Em janeiro de 1996 chegamos ao nº 200 com Rosane de Souza à frente. Em meados de 1999 Luiz Carlos Maranhão torna-se o novo editor. O jornal explodiu com curtas e vigorosas manchetes. No fim do ano tivemos uma nova reforma gráfica e o jornal passou a usar cores na capa e no miolo. Este novo jornal do SINTUFRJ foi lançado no mesmo local em que hoje comemoramos os 500 (IFCS). Em janeiro de 2001 passou a ser todo colorido. Do primeiro número até o 500, em 2001, com o sindicato contando com 14 mil sindicalizados, são 16 anos. Como crescemos!

Além do jornal, sempre sintonizados com as mudanças, criamos a nossa *homepage* em outubro de 1998. A idéia inicial foi de Aginaldo Fernandes, então na coordenação de comunicação, e viabilizada por Lenin Pires, coordenador-geral. Em 1999 Luis Fernando Couto, nosso atual diagramador e *webdesigner*, a reformulou completamente. Hoje chegamos a mais de 30 mil acessos.

O SINTUFRJ se orgulha desta história. A construção deste veículo de informação com essa qualidade se deve ao empenho de uma equipe que sabe da sua importância para a disputa ideológica contra os grandes meios de comunicação.

Lili Amaral, editora



Eu leio o Jornal do SINTUFRJ

Deixamos alguns de nossos leitores falarem por nós nesta página. Quando um jornal é elaborado, a principal preocupação que nos move é: “como o leitor vai receber?” E a maior satisfação é saber que cumprimos nossa missão para o leitor.

“A importância de um jornal da imprensa operária é a periodicidade e o diálogo contínuo com a classe trabalhadora, como faz o Jornal do SINTUFRJ. A grande imprensa esconde os fatos. Os jornais da classe trabalhadora disputam a hegemonia contra a grande imprensa.”

*Kátia Marko,
jornalista da CUT-RS*

“É bom ressaltar que os jornais do SINTUFRJ e da ADUFRJ são os meios de comunicação acadêmica, e a UFRJ precisa deles. Os jornais da grande imprensa e os informativos da Reitoria mostram um mundo irreal, uma realidade que não é a nossa, que não conhecemos. Nossos jornais são importantes porque dialogam com a categoria e agem como organizadores da nossa luta.”

Kelvin Melo e Ana Manoella Soares, jornalistas da ADUFRJ

“É um privilégio, para o jornalista, militar profissionalmente na imprensa sindical. Tenho orgulho de ter buscado essa vertente de trabalho e de, junto com outros companheiros, ter atuado pela profissionalização da imprensa sindical. Na atual

conjuntura, um jornal como o do SINTUFRJ - que é bonito, bem diagramado e muito bem feito - comemorar 500 edições é uma vitória para os trabalhadores e para todos nós que atuamos na imprensa sindical.”

*Ana de Angelis, jornalista do
Sindicato dos
Eletricários de Niterói*

“A luta do Sindicato pelos direitos dos servidores é muito importante e o Jornal tem um papel nisso. Às vezes me parece que o Jornal podia ser menos duro, mas acho que isso faz parte da própria batalha.”

Carlos Tannus, decano do CLA

“O Jornal do SINTUFRJ, para nós que trabalhamos na UFRJ, é um sinalizador de questões e um escudo de defesa do serviço público brasileiro.”

Carlos Lessa, decano do CCJE

“A edição de número 500 do Jornal do SINTUFRJ é um marco na história dos movimentos organizados em nossa Universidade. Todas as transformações e mudanças políticas e universitárias ocorridas ao longo desse tempo foram sempre acompanhadas e divulgadas pelo jornal



que, em muitas ocasiões, se transformou na única fonte confiável de informação. A possibilidade da participação democrática de todos, independente da corrente política universitária ou partidária, sempre foi um ponto a se destacar na atuação dos editores. O estímulo ao debate, através de temas polêmicos, o esforço no acompanhamento de todas as atividades da Universidade, com a divulgação clara dos fatos, os editoriais contundentes, a confiança adquirida e a influência no cotidiano da Universidade dão ao Jornal do SINTUFRJ uma responsabilidade e uma importância crescente.”

*Sérgio E. L. Fracalanza,
decano do CCS*

“O Jornal do SINTUFRJ tem sido, ao longo de sua existência, um veículo ágil na disseminação de idéias e de informações valiosas para os servidores da UFRJ.”

Oscar Acelrad, decano do CT

“Sabem qual é a primeira coisa que eu faço quando chego na Universidade toda segunda-feira? Procuo logo o Jornal do SINTUFRJ, porque tem credibilidade e fico sempre bem informada. Lá encontro as últimas notícias da Universidade sempre atualizadas. Além disso, é um dos nossos maiores instrumentos na organização das lutas da comunidade acadêmica, sendo responsável pela democratização da informação. Todos os estudantes deveriam ler o Jornal do SINTUFRJ. Parabéns!”

*Danniele São Bento,
representante dos estudantes do
Conselho de Ensino de
Graduação*

“A categoria só tem a agradecer a constância e a consistência do jornal. Ele tanto noticia quanto nos ajuda a avançar ideologicamente.”

*Nancy Blum,
funcionária da Fac. de Letras*

MEMÓRIA agosto

REVOLTA DOS BÚZIOS
- 1798

No dia 12, Salvador amanheceu empastelada de cartazes que chamavam o povo baiano a se levantar pela “Sagrada Bandeira da Liberdade”. O movimento reunia de intelectuais a escravos negros. Inspirado na Revolução Francesa, o movimento defendia a liberdade e a igualdade, a independência e o fim da escravidão. Derrotada, vários líderes foram presos ou degredados. Os representantes das elites foram absolvidos ou receberam indulto. Apenas quatro negros foram condenados à morte.



UNE
- 1937

Fundada no dia 7 a União Nacional dos Estudantes.

ANISTIA
- 1979

Vinte mil pessoas vão às ruas, no Rio de Janeiro, pedir anistia ampla, geral e irrestrita. É o início do fim da ditadura militar.



CUT
- 1983

No dia 27 é fundada a Central Única dos Trabalhadores. Em seu estatuto, a CUT se compromete com a luta pela democracia e pelo socialismo.



CONFEDERAÇÃO DO
EQUADOR
- 1824

Liderada pela Província de Pernambuco, a região Nordeste se rebelou contra o autoritarismo e a centralização do governo de D. Pedro I. No dia 24, um manifesto chama o povo a salvar "a Honra, a Pátria, a Liberdade". O movimento alastra-se pelo Ceará, Piauí, Paraíba e Rio Grande do Norte. É derrotado em setembro.



GREVE GERAL
- 1917

Um sapateiro anarquista é assassinado pela polícia durante a greve de 400 trabalhadores de São Paulo. A indignação desencadeia a primeira greve geral do Brasil, em São Paulo. Cerca de 45 mil trabalhadores participaram. A greve durou vários dias e terminou dia 16, com o atendimento de várias reivindicações. Em todo o mundo fervilhava a luta organizada dos trabalhadores. Um mês depois, os trabalhadores russos, sob a direção do Partido Bolchevique, tomavam o poder com a proposta de construir o comunismo.



Jornal do SINTUFRJ é um exemplo de disputa de hegemonia

Por Claudia Santiago e Vito Giannotti

Chegar ao nº 500 de uma publicação sindical não é pouca coisa. Melhor ainda é chegar muito mais bonito e melhor em todos os sentidos. Hoje, o Jornal do SINTUFRJ é um jornal/revista que pode ser mostrado pelo Brasil afora, como prova de que é possível fazer uma imprensa capaz de disputar a hegemonia com nossos inimigos de classe. De Fernando Henrique, ao reitor Vilhena, passando pelo FMI e todo o projeto neoliberal que foi imposto ao mundo.



Foto: J. R. Hooper

Qual o sentido de um jornal/publicação sindical?

Tratar de assuntos domésticos, corporativos? Falar do salário, do plano de carreira, do andamento dos processos Bresser 1, Bresser 2, e o Verão, e os encerrados 28%, e o anuênio, os 147% dos aposentados, e depois o bebedouro, a falta de condições de trabalho, a terceirização, etc., etc.

Só isso? Qual é o fio condutor de tudo isso?

Sabemos que há uma ligação direta entre a falta de um bebedouro, o não pagamento dos 28%, os "sete anos sem aumento ... não agüento" e os passos dados rumo à privatização da universidade pública. Qual é esse fio?

Um dos grandes méritos do *Jornal do SINTUFRJ*, nos seus

quinhentos números, é ter procurado mostrar essa ligação de causa e efeito entre a política geral e suas manifestações locais. A ligação íntima entre o micro e o macro. Entre o bebedouro quebrado, há anos, e o projeto neoliberal de FHC.

Agora, será que o jornal conseguiu convencer os milhares de servidores da UFRJ dessa ligação? Conseguiu mostrar para a sociedade qual é o plano desse governo?

É claro que, sozinho, não conseguiu ainda e nem vai conseguir. Mas um dos grandes méritos dessa publicação é exatamente este. Ligar o particular ao geral. É o primeiro passo para fazer a disputa de hegemonia que queremos fazer.

Este é um dos aspectos

positivos do aniversário de 500 números. Há muitos outros gols que este semanário conseguiu emplacar.

A cara do semanário, por exemplo, ficou muito mais bonita. Muitos números mereciam ir para a exposição do melhor da imprensa sindical do nosso país. Fotos, charges, ilustrações, cores, em síntese, sua diagramação. Tudo muito bonito. Ou seja, um convite para levar o leitor comum a vencer suas barreiras de não ter o hábito de leitura. (...).

A atitude de sempre procurar o novo e não se acomodar, da equipe de comunicação do SINTUFRJ, é uma garantia. Certeza que, nos próximos 500 números, com o esforço de diretores e profissionais da comunicação, muita coisa vai melhorar.

O que foi conseguido nesta primeira rodada dos 500 já é muito. Na segunda conseguirão muito mais. Longa vida aos que lutam!

Claudia Santiago é coordenadora do Núcleo Piratininga de Comunicação e jornalista da CUT/RJ

Vito Giannotti é coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação e autor de diversos livros sobre a CUT, o movimento sindical e a comunicação sindical.



OPINIÃO

"Eu prefiro ler pela Internet, porque eu leio em casa, no fim de semana. Aqui ele só chega na segunda-feira. Eu acho ele bom, pelo menos mantém os funcionários informados."

Ana Maria Daniel da Silva,
Secretaria da Direção/ESS

"Acho o jornal excelente! Leio ele toda semana. Inclusive, eu faço uma coleção deles em casa. Tenho quase todos."

Paulo dos Santos,
Prefeitura

"O jornal tem sido editado com riqueza. Tem as informações que precisamos. Agora, acho que os companheiros da base têm que ler mais o jornal. Durante a greve, por exemplo, quem não leu o jornal ficou desinformado, não entendeu o movimento."

Genísio Viana de Menezes,
Manutenção IQ/Prefeitura

"Chegar a 500 edições é uma demonstração da importância desse jornal. Ele é lido por toda a comunidade acadêmica."

Daniel Mendes de Sousa, coordenador do DCE, Arquitetura

"A imprensa sindical é uma das nossas principais armas na luta de contra-hegemonia. O Jornal do SINTUFJR trava há anos uma batalha sem trégua pela democratização da informação na universidade. E mais, provou que é um instrumento de organização da comunidade acadêmica, nunca perdendo de vista a unidade entre técnicos-administrativos, professores e estudantes."

Bruno Bacellar, coordenador do DCE, Ciências Sociais

"Não sou uma leitora assídua, mas leio muitas vezes. Ele é utilíssimo para manter a circulação de informação dentro da comunidade e pra gente se manter informada. Ele é bom, porque não é sensacionalista e o que diz é real. É informativo mesmo."

Lúcia Acar, comunicóloga/ECO

"Atualmente, está faltando informação sobre os processos na Justiça, mas com relação às outras coisas, está completo. Inclusive, dá até oportunidade aos funcionários de se posicionarem e isso é muito bom."

Leno Gomes, Prefeitura

Nas greves e nas ruas

O primeiro jornal produzido profissionalmente saiu em 1985, mas a nossa luta é muito mais antiga. A categoria já se perguntou sobre o número de greves e paralisações que ajudou a construir? Foram tantas que é impossível a memória não falhar.

Em 1982, a FASUBRA, federação nacional dos técnicos-administrativos, organizou sua primeira greve: 17 universidades participaram e conquistamos assistência médica e regime de 30 horas semanais. Os técnicos-administrativos foram a primeira categoria a fazer greve contra o governo da ditadura, que já chegava ao fim.

Em 1984, fizemos uma das greves mais fortes da nossa história. A mobilização unificada com professores e estudantes resultou numa greve de 84 dias. Não havia lei de greve, nossos salários foram cortados, mas vencemos a luta. Após um mês e meio acampados na porta do MEC, conseguimos aumento de salário e entramos com mais força na campanha por Diretas já! Nessa época ainda éramos ASUFJR e não tínhamos jornal.

Em 1986, fizemos greve pela isonomia entre as autarquias e fundações do sistema federal de ensino. Em 1992, fizemos várias paralisações de 24h. Nossas reivindicações eram verbas para os HUs e não para as fundações da iniciativa privada. A partir de 1993, fizemos quase que uma greve por ano. Em 1994, os vigilantes da UFRJ pararam por me-



lhores condições de trabalho.

Em 1996, fizemos sucessivas paralisações contra as reformas administrativa e da previdência, e participamos de uma greve geral que parou o país. Em 1997, após nove dias

de paralisação em janeiro, os servidores da UFRJ conseguiram receber o dinheiro referente aos vales-alimentação e transporte, cortados em novembro. Os anos 90 foram desencadeados por uma enorme Batalha do Funcionalismo. Durante sete anos, sentimos o descalço de FHC com o serviço público. Mas, em 2000 e 2001 mostramos a força de tudo o que construímos. Fomos uma das principais categorias a "pôr em xeque" a legitimidade do governo FHC e a viabilidade do modelo econômico neoliberal.

A vitoriosa greve deste ano será inesquecível! Além de conquistas como a incorporação integral da GAE e fim da lei do emprego público, impusemos uma importante derrota a este governo que tinha como marca não aceitar negociar com servidores em greve. Essa mobilização foi mais um dos exemplos de que nossa longa trajetória de luta e resistência não foi em vão. Ao contrário, nos fortaleceu. Nem mesmo pensamos duas vezes ao retornar à greve em defesa dos nossos 26%.



MEMÓRIA

abril

INCONFIDÊNCIA MINEIRA - 1789

Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, é assassinado por liderar a sublevação que pretendia, nas suas palavras, "que esta terra se fizesse uma república e ficasse livre dos governos que só vem cá ensopear-se em riquezas..."



TROMBAS E FORMOSO - 1954

Na batalha da Tataira, em Goiás, os camponeses puseram a polícia para correr. A batalha durou vários anos, durante os quais 20 mil títulos de terra foram distribuídos e um governo provisório criado. Com o golpe militar de 1964, a liderança do movimento foi perseguida.

GUERRILHA DO ARAGUAIA - 1972/74

Após a revolução cubana, Chê Guevara percorreu a América Latina, organizando focos de guerrilha que partiam das matas em direção à cidade. Inspirado nesta tática foquista, o PC do B organizou uma tentativa de insurreição a partir da cidade do Araguaia, no Pará. Em abril de 1972 o Exército se instalou na região. As lutas duraram 2 anos.

MEMÓRIA

março

MULHERES ASSASSINADAS - 1857

No dia 8 de março 129 operárias, que lutavam por melhores condições de trabalho, em Nova Iorque, foram assassinadas. Eram costureiras, que ocuparam a fábrica. Os patrões mandaram queimar. Em 1910, o XII Congresso Internacional da Mulher, na Dinamarca, transformou a data em dia Internacional da Mulher.



CONTRA A CARESTIA - 1978

Sete mil operários, donas de casa, funcionários públicos e estudantes foram às ruas em São Paulo contra o arrocho salarial e o aumento do custo de vida. O movimento foi um marco da retomada das lutas populares durante a ditadura militar.

BANCÁRIOS - 1987

750 mil bancários realizam a maior greve da história da categoria.

SERVIDORES PÚBLICOS - 1983

O I Encontro Nacional da categoria inicia uma nova fase do movimento. Vários sindicatos se organizam e uma greve nacional paralisa 200 mil funcionários em todo o país, neste ano.



Na nossa categoria, a década de 80 foi marcada por greves vitoriosas. A luta mais importante foi a campanha por diretas. Começamos os anos 90 com novo ânimo e entramos com toda força no Fora Collor! Eles foram os piores na vida dos servidores públicos.

A partir de FHC, amargamos o maior índice de miséria e desemprego da nossa história. As condições de trabalho entraram em queda acelerada. Em contrapartida, nosso poder de organização, luta e resistência só fez aumentar. De lá para cá, a mobilização só cresceu: paralisação do HU, fechamento da Linha Vermelha, piquete no NCE, sem falar na quantidade de atos de massa, no Rio e em Brasília. Até greve de fome nós fizemos.

A partir de 1996, o projeto de Autonomia do governo começou a rondar as universidades federais. A política privatista do governo acabou com o bandeão, proibiu concurso público para novos profissionais, cortou bolsas de pesquisa e garfou o



Fora FHC e Vilhena

Fotos:Niko



máximo que pôde dos nossos salários. Trabalhadores e estudantes do país deram início à campanha pelo Fora FHC e o FMI!, que teve episódios marcantes, como a Marcha dos 100 Mil, em 1999. Em setembro de 2001, participamos da Marcha dos 50 Mil, em defesa da Educação.

Na UFRJ, o MEC impôs a intervenção de José Henrique Vilhena. A campanha "Reitor eleito é reitor empossado" teve seu auge na ocupação da Reitoria em 1998. Foram 44 dias de muita luta; teve até polícia para tentar nos reprimir. Quase quatro anos depois, nossa principal campanha interna é Fora Vilhena! O seu "reinado", que fere a democracia interna, desautoriza os conselhos superiores, caça nossos direitos e faz o jogo sujo do governo, está chegando ao fim. A comunidade universitária provou, no ato contra o vestibular de Vilhena, nas greves dos técnicos-administrativos e dos docentes, que tem força e unidade para garantir o resgate da democracia na UFRJ.



OPINIÃO

"A universidade pública tem um desafio grande que é trabalhar a contra-informação, combater aquela veiculada pela classe dominante. Principalmente hoje frente ao neoliberalismo que privilegia a individualidade. E a imprensa sindical faz esse papel. Na base da FASUBRA o jornal que se destaca é o do SINTUFRRJ pela periodicidade e pela preocupação tanto de atender às necessidades da categoria quanto de abarcar as questões nacionais e internacionais. Na universidade você não tem outro meio de comunicação com tamanha importância. O jornal da ADUFRRJ está iniciando esse caminho. O jornal do SINTUFRRJ é uma importante

arma política, um veículo de resistência e uma arma poderosa contra a política de privatização da universidade pública. É referência para categoria e evoluiu junto com ela. Mostra um ponto de vista consciente: baseado na identidade e na importância de ser um trabalhador em Educação."

Aginaldo Fernandes, coordenador-geral da Fasubra

"A imprensa sindical é a maior do Brasil. Quando ela se coloca incondicionalmente ao lado dos trabalhadores é uma poderosa arma. A imprensa sindical é uma formadora de opinião da nossa classe e pode transformar o Bra-

sil. Podemos disputar a hegemonia. A CUT tem um grande sonho: um jornal semanal unificado de toda a classe trabalhadora brasileira. O SINTUFRRJ está de parabéns por estar nessa luta e por cumprir esse papel transformador. Parabéns pelas 500 edições."

João Felício, presidente da CUT Nacional

"Toda luta política é essencialmente ideológica. O poder, para se reproduzir, tenta reproduzir as condições para propagar sua ideologia. Os movimentos que lutam contra esse poder precisam lutar para construir uma outra hegemonia. Os encontros e es-

paços de debates são importantes para a construção de idéias e para a divulgação delas. Mas é preciso mais. É preciso um meio de sistematização e veiculação contínua de nossas idéias, que atue construindo nossa luta. Só dessa forma é possível educar e promover um espaço público de debate. Nesse sentido, a imprensa sindical é solitária, pois é a única que cumpre esse papel. É com felicidade que eu posso dizer que o Jornal do SINTUFRRJ cumpre esse papel. Ele é uma das referências nacionais de construção dessa contra-hegemonia."

Roberto Leher, Presidente da Andes

Produção na madrugada

“O Jornal do SINTUFRJ é como um filho que ajudei a crescer. E desponta como um dos mais importantes veículos de informação da categoria. Tenho orgulho de fazer parte deste lindo projeto de coração e mente.”

Regina Rocha, editora

“Trabalhar na imprensa sindical é um pouco como brincar. Às vezes a brincadeira vale a vida e a gente acha que não sobrevive àquela madrugada. Para aliviar a tensão a gente ri muito, depois grita e às vezes até chora. O que importa, é fazer um jornal gostoso e com coração. Isso é o que há de mais contra-hegemônico no nosso jornal. Diferente da seriedade fria, arrogante e conservadora dos jornais comerciais. O Jornal do SINTUFRJ é um dos melhores que conheço nessa irreverência.”

Ana Lucia Vaz, editora

“Nosso objetivo era o de fazer um jornal que visse a UFRJ como um espaço de discussão geral. Os técnicos-administrativos se inserem nesta discussão como participantes ativos. O jornal cumpriu esse papel e deve continuar sendo um espaço onde os trabalhadores discutam politicamente a universidade, a sociedade e o país.”

Rosane de Souza, editora

“Por ordem alfabética: André, Azul, Camillo, Lili, Luis Fernando, Marcelão, Niko, Pedro, Regina, Virgínia, Wanderley. Todos conspiradores de longas sextas-feiras que fizeram ou fazem parte desta história das 500 edições de disputa ideológica contra a classe dominante. Todos cúmplices na tarefa semanal de acionar baterias antiaéreas, diante do bombardeio desigual de informações dos que querem a exploração como sentença determinante nas relações entre os homens.”

Luiz Carlos Maranhão, editor

“Nosso trabalho já passou por inúmeras transformações e melhorou muito. A home page é um exemplo. Ela foi uma fusão das idéias do Agnaldo com a vontade de Lenin. Para nós foi uma novidade e trabalhamos duro para transformar a idéia em realidade! Este ano, o jornal passou a ser disponibilizado, na íntegra, pela Internet. É ótimo ver que o jornal do SINTUFRJ melhora a cada dia. Principalmente depois que o jornal passou a ter cor e ser editado pelo Maranhão, ganhou muito em agilidade e poder de comunicação com a categoria. Essas 500 edições são significativas; mostram que nossa resistência e a força das nossas palavras são grandes armas na luta contra todas as formas de exploração.”

Luis Fernando Couto, diagramador e webdesigner

“Dois meses de trabalho duro e uma certeza: semana que vem tem mais! Toda madrugada de sábado, quando o jornal fica pronto, eu me pergunto por que a nossa equipe, como muitas outras, trabalha com afimco até o último segundo... Os computadores param, as palavras somem, as idéias secam, mas nós permanecemos unidos, tentando enganar o cansaço e fazendo o melhor que sabemos para garantir o jornal. A explicação é uma só: nós acreditamos que vale a pena. Sabemos que o jornal dessa categoria é uma poderosa arma e ainda tem muitas batalhas por vencer. A equipe é maravilhosa, mas é impossível não falar do Luis, nosso diagramador, que todo dia “queima as pestanas” para transformar nossas idéias mais loucas no jornal do SINTUFRJ.”

Daniele Carvalho, estagiária

“Lá se vão quase dez anos quando me chamaram para fazer o Jornal do SINTUFRJ. De lá para cá foram várias idas e vindas, altos e baixos do movimento, noites maldormidas, discussões acaloradas, mas, principalmente, muita vontade de fazer uma comunicação diferente da vergonha que vemos todos os dias nos “grandes” meios de comunicação. Chegar às 500 edições mais que uma alegria, é um exemplo a ser seguido por todas as entidades que entendem a importância da comunicação na construção de um mundo melhor. Que esse exemplo floresça em cada canto do nosso país. Que muitos jornais populares cheguem ao nº 500. Que o Jornal do SINTUFRJ chegue ao nº 1000. Mas, principalmente, que outros jornalistas tenham o privilégio de, como eu, poder exercer a sua profissão com dignidade, sem precisar se submeter aos mandos e desmandos dos donos do poder. Por último, aos amigos que trabalharam comigo nos vários momentos do nosso jornal, saibam que em cada jornal que eu fizer pelo resto da minha vida, sempre terá um pouco de cada um de vocês. Me sinto um privilegiado por trabalhar com vocês.”

Marcelão, diagramador do SINTUFRJ e do SINTUFF

“A imprensa sindical é um contraponto à grande imprensa, que é da burguesia. É a única chance que a classe trabalhadora tem de fazer com que suas lutas se tornem públicas. Agora a batalha é tornar nossos jornais mais populares. Os dirigentes sindicais avançaram muito, mas sempre é possível fazer mais. O jornal do SINTUFRJ tem um ótimo diálogo com a categoria.”

Niko, repórter fotográfico do SINTUFRJ

“Fui fotógrafo e laboratorista da Associação. Foi um grande desafio. Junto com a equipe montamos o departamento de comunicação. Vestíamos a camisa da entidade. O trabalho era intenso e desgastante. Mas foi maravilhoso!”

Vanor Correia, repórter Fotográfico

“Era o único sindicato onde a gente se programava para sair às 18h de sexta e saía na madrugada de sábado. Foi a época em que trabalhei mais perto de “Deus” (Carlos Maldonado) até ele assumir a Fasubra.”

Carlos Cardoso, diagramador

“Foi gostoso fazer o jornal. Mesmo atravessando madrugadas, valia a pena. Fomos profissionais o bastante para segurar a onda independente das dificuldades políticas. Aprendi muito com a Rose e o Maranhão.”

Camillo, diagramador

“É meio difícil descrever o local de trabalho tendo tão bons profissionais trabalhando com você. É gostoso desfrutar deste convívio, independente das adversidades.”

Roberto Azul, revisor



MEMÓRIA outubro

COLUNA PRESTES
- 1925

O levante do 1º Batalhão Ferroviário, em Santo Ângelo (RS), iniciou a Coluna que, por 2 anos, percorreu 12 Estados. Pregavam o voto livre, distribuíam terras, esvaziavam as prisões e destruíam os instrumentos de tortura e os documentos sobre dívidas de camponeses.



VLADMIR HERZOG
- 1975

O jornalista, simpatizante do PCB, morreu sob tortura em 1975 nas dependências do DOI-CODI. A missa de sétimo dia de sua morte transformou-se numa passeata silenciosa que percorreu as ruas de São Paulo, apesar da forte repressão.



MARCHA DA EDUCAÇÃO
- 2001

No dia 3, cerca de 50 mil pessoas ocuparam a Esplanada dos Ministérios, em Brasília. A Marcha Nacional em Defesa da Educação Pública foi fortemente reprimida pela polícia. Técnico-administrativos e professores estavam em greve. As categorias só saíram de greve depois de impor uma derrota histórica ao governo.